

O partido industrial

Renato Janine Ribeiro

Valor, 13 de fevereiro de 2012

Um projeto político – sem partido – é formado por aqueles que se preocupam com a desindustrialização do Brasil. Em meados do século 20, quando o subdesenvolvimento e seus males despertaram reflexões da mais alta importância, entendeu-se que, para saírem da miséria, os países mais pobres deveriam ir além da agricultura, da pecuária e da extração de minérios. A única forma de se desenvolverem seria agregando valor-trabalho a seus produtos. Os que têm uma quantidade mínima de riqueza gerada pelo homem acabam sendo menos bem pagos. Mesmo a grande exceção dentre os produtos coletados, o petróleo – que, por sinal, começou a se tornar mais caro apenas na década de 1970 –, não constituiu uma bênção para as nações que o extraíram ou extraem. A grande exceção são os Estados Unidos, mas justamente porque sua produção de petróleo é apenas um item numa economia complexa e rica. Em outros lugares, o petróleo inibe a geração de riquezas pelo trabalho humano. Mas, ficando no Brasil, a solução para nossas mazelas se entendeu que passava pela industrialização. É o que une Volta Redonda, construída ainda na ditadura Vargas, os projetos de JK na década de 1960 e o planejamento de Celso Furtado. Aliás, o grande economista escreveu nos “Temps modernes”, a revista de Sartre, em 1965, que a ditadura militar no Brasil pretendia desindustrializar o país e revertê-lo à condição de mero exportador agropecuário. Nisso ele se enganou: a atração da indústria era tão grande que também a ditadura apostou nela.

Contudo, os dois últimos presidentes da República, FHC e Lula, conviveram bem com o que desde a década de 1990 aparece como desindustrialização. Hoje, exportamos sobretudo o que vem da terra, seja a riqueza mineral gerada ao longo de milhões de anos e que desaparece para sempre, seja o produto do campo, ora lavoura, ora pecuária. Na análise que a Cepal fazia das causas da pobreza, são produtos honrosos, mas que não permitem dar o salto para o desenvolvimento. É verdade que a agropecuária e a extração de minérios hoje têm uma qualidade nunca antes vista. Ciência e tecnologia estão embutidas nelas. Por outro lado, hoje não basta ter indústrias: há as de primeiro e de segundo time. Só as melhores representam um diferencial. O trabalho agora valorizado não é qualquer um – é, sobretudo, o intelectual. Ou seja, a diferença de nossos dias não é mais apenas entre indústria e agricultura, é entre o uso da inteligência e o uso dos braços. Mesmo assim, o fato é que nas últimas décadas – por coincidência as mais estáveis de nossa história política, as que também mais contribuíram para a redução da miséria e da pobreza – nossa economia de exportação voltou a se constituir principalmente de produtos com pouca agregação de valor.

Testemunhei um episódio dessa história quando jovem. Meu pai, Benedicto Ribeiro, um dos fundadores do jornalismo econômico no Brasil (ver José Venâncio de Resende, *Construtores do Jornalismo Econômico*, 2005), trabalhava em 1967 com Horácio Coimbra, que presidia o Instituto Brasileiro do Café. Coimbra, dono da Cacique de Café Solúvel, perdeu o cargo, vítima das pressões norte-americanas para que o Brasil não exportasse café

solúvel, mas só em grão. Em plena vigência do Ato-5, o deputado Hélio Duque relata essa história em “A guerra do café solúvel”. O subdesenvolvimento depende de não se agregar valor aos produtos, que devem ser o mais naturais possível.

Temos economistas e políticos preocupados com essa redução da qualidade do que exportamos. Os nomes óbvios são Luiz Carlos Bresser Pereira, que deixou o PSDB no ano passado (revelação do jornal “Valor”), e José Serra, que em sua carreira se empenhou na defesa da indústria. Contudo, este assunto não é pauta de discussão política. Não tem destaque na maior parte dos jornais, nem na televisão aberta. Apenas devo lembrar, aqui, que não se trata exatamente de defender a indústria na exportação brasileira; é antes de mais nada entender que o país não pode depender tanto da exportação, digamos, de soja para alimentar o gado estrangeiro. É ótimo exportarmos esses produtos, mas não bastam. Ou seja, o que chamei de partido industrial não é bem um defensor só da indústria, ou de qualquer indústria: o que o preocupa é a hipercommoditização do que mandamos para fora, que nos deixa politicamente vulneráveis, e o que ele quer é agregar trabalho brasileiro para o país produzir mais riquezas, em vez de gerá-las fora, importá-las e, com isso, empobrecer.

O problema é que esse partido da agregação do valor-trabalho não existe. Há economistas preocupados com o problema. Mas o assunto não vai à praça pública. Nem sei se Serra ainda lhe dá importância: na campanha, mal o mencionou. Pode ser um assunto difícil e mesmo impopular – sai tão barato importar da China... Mas os pontos cruciais são dois: aparentemente, é o calcanhar de Aquiles de nossa economia que, por sua vez, tem permitido uma redução drástica da pobreza; seguramente, é o assunto de que não se fala. Haverá políticos que se empenhem em trazer o assunto para o debate? Será um tema impopular mas necessário.